

DE GRATIDÃO E CONGRATULAÇÕES À FILOSOFIA EM CAICÓ¹

[THANKFULNESS AND CONGRATULATIONS TO THE PHILOSOPHY COURSE IN CAICÓ]

William Coelho de Oliveira
williamcoelho@uern.br

Professor de Filosofia desde 1988. Supervisor de Estágio Supervisionado do DFI. Coordenador de Estágio da FAFIC. Editor-chefe da Revista Contexto - periódico de Ciências Humanas da FAFIC. Licenciado em Filosofia (UFRN, 1984-87) com pesquisa sobre A Noção de Deus em Spinoza. Mestre em Filosofia (UEPB, 1997-2000), com dissertação sobre as Implicações Éticas do Conceito de Animal Político em Aristóteles. Pesquisa sobre O Nous Poietikos: As Formas da Razão em Aristóteles (Doutorado inconcluso) e as Condições do Ensino de Filosofia na 12ª DIREC/RN.

DOI: [10.25244/1984-5561.2023.6788](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2023.6788)

Recebido em: 28 de fevereiro de 2023. Aprovado em: 10 de março de 2023

¹ Discurso em 16/11/2022 na UERN em Caicó, em comemoração aos 20 anos do Curso de Filosofia no Seridó Potiguar.



I - SAUDAÇÃO

Boa noite a todas as pessoas aqui presentes!

Saúdo a Prof^ª. Dr^ª. Shirlene Mafra, diretora do campus Caicó, da UERN, em nome de quem estendo a saudação a todas as autoridades aqui presentes ou representadas!

Saúdo o Prof. Dr. Marcos Érico, chefe do Departamento de Filosofia da UERN-Caicó, em nome de quem estendo a saudação a todos os colegas docentes aqui presentes!

Em nome da Secretária do Mestrado Profissional em Filosofia, *Erivânia Maria de Medeiros*, saúdo todas as pessoas, cujo trabalho técnico nos permite melhor servir ao Público interno ou externo da UERN!

E em nome da representante discente *Wanessa Alves*, saúdo todas as demais pessoas que hoje constituem a razão de ser do Curso de Filosofia, em Caicó!

II – EM DUAS PALAVRAS: SÍNTESE DO MEU SENTIMENTO NESTA CERIMÔNIA: *GRATIDÃO E CONGRATULAÇÕES*

1 Gratidão pela honraria em memória viva!

Que aprendamos e, por conseguinte, criemos o hábito de *regar flores em vida*, para não as deixar morrer no túmulo, como mero símbolo da nossa dor póstuma, em vez da alegria vívida!

Assim, num gesto de gratidão próprio da nossa profissão com a Filosofia, ousou exercitá-la pensando sobre os três conceitos marcantes na frase acima: *gratidão, honra e memória*.

1.1 Com respeito à MEMÓRIA, todos sabemos que ela é a condição pela qual resgatamos o passado e, assim, reavivamos uma experiência. Mas, epistemologicamente, seguindo a *Metafísica* de Aristóteles (384 a 322 a.C.), ousou dizer que ela consiste no registro de uma experiência, graças ao qual se possibilita um aprendizado, cuja ausência impossibilita a justiça ética ou política. Por isso tenho pensado que o esquecimento é próprio dos ingratos. E tenho ousado dizer que ingratidão é ato de injustiça.

Então, para não ser injusto, lembro-me quando, em 2001, como Chefe do Departamento de Filosofia da UERN, em Mossoró, recebi o convite do então reitor, Prof. Walter Fonseca, para discutirmos sobre a proposta lhe enviada pelo Bispo de Caicó, Dom Jaime Vieira Rocha, para a criação do curso de Filosofia nesta cidade do Seridó do Rio Grande do Norte.

Num contexto, aparentemente, adverso, dada a acirrada oposição política entre o Departamento de Filosofia e a Reitoria da UERN, conseguimos conduzir o processo, uma vez

constituída a Comissão pela plenária departamental: o chefe, o veterano e o doutor. O Prof. João Batista Xavier, além de mais experiente política e academicamente na UERN, era amigo pessoal do Bispo Dom Jaime. O Prof. Antônio Jorge Soares foi o primeiro doutor da UERN e, por conseguinte, era o mais capacitado academicamente para tamanha tarefa.

Vale lembrar que, ao indicar a Comissão, a plenária impôs uma única exigência: aproveitar o ensejo para criarmos também o curso de Filosofia em Mossoró, onde lecionávamos *Introdução à Filosofia e Metodologia da Ciência* em todos os cursos existentes.

Por outro lado, vale ainda registrar o meu aprendizado com o argumento do Bispo, que designou o Pe. Costa para nos acompanhar no “processo de incorporação do então Curso de Filosofia Eclesiástica da Diocese de Caicó”, transformando-o no Curso de Licenciatura em Filosofia, desde então gerido pela UERN. Para ele, *os seminaristas precisavam garantir uma profissão, caso desistissem do sacerdócio*.

E isso me maravilhou como lição de responsabilidade social com a sua Gente.

1.2 Feito o registro, entendo por **GRATIDÃO** o gesto pelo qual se manifesta o reconhecimento de um aprendizado no Serviço prestado, por cuja interação o Servidor se impulsiona a servir mais e melhor.

Aqui, refiro-me, especialmente, ao gesto do Prof. Marcos Érico, por me convidar para esta homenagem memorial, junto com o Prof. Antônio Jorge, nesta *Semana de Filosofia*, em **comemoração aos 20 anos do Curso de Filosofia, em Caicó**.

Gratidão, caro colega Professor! Seu convite honrou-me e provocou minha memória tornando-me mais feliz na presença de vocês.

Então, para ilustrar este conceito, permitam-me reavivar, fenomenologicamente, a experiência de um aprendizado enquanto Assessor da Pró-reitoria de Recursos Humanos da UERN, quando coordenei o maior processo seletivo para servidor temporário, nos cinco campus da nossa universidade. O tempo era 2006 e o espaço, o campus de Pau dos Ferros, onde encontrei uma das equipes mais organizadas, em nome da qual um professor apresentou-me algumas perguntas providenciadas para a seleção de Auxiliar de Serviços Gerais. Entre elas, uma me chamou atenção. Perguntava-se: *quais dessas palavras você mais usa: 1) com licença; 2) por favor; 3) desculpe*. Então, indaguei-lhe pela causa final como pressuposto da questão: *o que você pretende com essa pergunta?* E ele me respondeu: *saber do nível de educação e disposição dos candidatos*. Ao que lhe redargui sobre as consequências:

mas a interpretação pode ser dúbia: a pessoa pode pensar que se ela responder com a alternativa 1) – “com licença” – os avaliadores podem entender que ela é muito intrometida, que vive se metendo em conversa alheia. Se escolher a 2) – “por favor” – podem pensar que ela é muito pidona, que vive pedindo para fazerem trabalho que ela mesma pode fazer. Se ela preferir a 3) – “desculpe” – podem supor que ela vive cometendo erros.

Então ele riu meio sem graça a me perguntar o que fazer. E eu acrescentei o que poderia fazê-lo pensar: *não falta aí uma palavra?* E ele: *qual?* Respondi-lhe: *“obrigado”* – justificando-lhe com uma pretensa definição –, *porque ela expressa o reconhecimento do trabalho alheio*. Ao que ele, pensativo, me agradeceu sorridente e, após um aperto de mão, dedicadamente providenciou o devido ajuste.

A partir disso, tenho pensado que a GRATIDÃO não pode se reduzir à palavra humana, mas deve constituir-se num gesto de alegria e interação, tal como vários animais nos expressam seu aprendizado. Porém, isso implica em outros conceitos e exemplos sobre os quais não cabe me aprofundar agora.

1.3 Sobre a HONRA, valho-me da *Ética a Nicômaco*, do mesmo Aristóteles, para não esquecer que tal virtude “diz mais de quem a concede do que de quem a recebe” (E.N. I.5 1095b). E eis aqui a minha grande honra: **ser lembrado por pessoas como o Prof. Marcos Érico**, certamente sob o respaldo do **Prof. Pe. Assis Costa e dos professores Teixeira, Deda, José Eudo e Emerson**, que participaram conosco daquela primeira etapa do processo.

Além, claro, das professoras Shirlene Mafra e Reilta Cirino, principalmente pela visão pedagógica que lhes compete. E demais colegas que fortalecem essa luta pela Filosofia na Educação.

Ademais, tive a honra de trabalhar diretamente com o meu nobre colega filósofo e amigo, Prof. Jorge Soares, um autor amante da filosofia de Platão; e com o Prof. João Batista Xavier, fundador do Departamento de Filosofia da FAFIC, no campus Central, e coordenador dos trabalhos da Filosofia em Caicó.

2. Concernente às CONGRATULAÇÕES, devo dizer que, para mim, este termo é preferível a “parabéns” porque, dada sua origem latina, ele guarda a raiz comum de GRAÇA: *GRATUS*. Assim, vale lembrar que ele denota o *con-graça-mento* pela conquista de outrem, ou seja, a graça conjunta, a alegria compartilhada. Isto é: a felicidade pela realização de vocês com o fortalecimento da Filosofia na Região do Seridó Potiguar.

2.1 E aqui penso em FELICIDADE também no sentido aristotélico: não apenas como alegria ou prazer, mas como realização do ser, pelo fim alcançado. Por isso, congratulações a vocês que se realizam hoje no convívio com a Filosofia!

2.2 E assim, gosto de pensar – como o gestor público no cargo de Diretor da FAFIC ao qual me projetei (2018-22) e como educador que me realizo no aprendizado com pessoas que ensinam ao quererem aprender – sobre o quê ousar dizer que:

*A graça do Mestre não é tanto comandar, mas, como Educador, fazer seus comandados e aprendizes se superarem em suas próprias dificuldades.
Nesses termos, vale pensar: qual seria a graça do aprendiz se não for a de superar as dificuldades do Mestre?*

E aqui deixo-vos, de graça, para vocês pensarem os possíveis sentidos de *graça*.

III – DO PRECONCEITO À VALORIZAÇÃO PROFISSIONAL NA EDUCAÇÃO

1. Para concluir, peço licença para lhes propor uma reflexão sobre a nossa valorização como profissionais das ditas Ciências Humanas e sobre o nosso papel, a partir da fala do físico alemão Albert Einstein (1879-1955), que teria dito, no século passado: *em que época vivemos, que conseguimos quebrar o átomo, mas não conseguimos quebrar um preconceito!*

Ora, se a Filosofia lida, fundamentalmente, com os conceitos, nada lhe é mais nefasto do que o preconceito. Então, a quem melhor cabe tal compromisso profissional?

1.1 Assim, doi-me pensar, mas ousou dizer que o primeiro e o principal preconceito a ser quebrado é o próprio elitismo da Filosofia. Embora ela tenha origem elitista entre os Gregos Antigos, o próprio Sócrates, além dos Cínicos e dos Céticos, nos proporciona tal rompimento – não histórico, mas – didático e político para que ela cumpra a sua graça na Educação.

A título de ilustração, permitam-me, pois, mencionar-lhes um aprendizado que vivenciei em 2006, quando participei de uma reunião em João Pessoa com o representante do MEC e professores de Filosofia, representantes da Região Nordeste, proposta pelo Presidente Lula, a fim de “desengavetar a Lei do Ensino de Filosofia e Sociologia na Educação Básica”: Lei 11.684/2008. Segundo o coordenador da reunião, o Presidente teria convocado e questionado a entidade representativa da Filosofia no Brasil acerca das condições para inserir tal componente no currículo do Ensino Médio. Infelizmente, a ANPOF não tinha sequer percebido isso como um problema: nem social, econômico ou político; tampouco filosófico. Por qual razão, se não pelo preconceito elitista, que acabava de ser revelado pelo Presidente Torneiro-Mecânico, como um tapa na cara dos titulados filósofos brasileiros, com um argumento simples, que nem o presidente Sociólogo enxergara? Penso que ele teria dito: *ao criarmos a profissão de Professor de Filosofia, além de engendrarmos uma melhora na Educação Básica, com os novos salários movimentaremos mais a economia do país.*

1.2 Além disso tenho observado, e ousado falar em várias reuniões, palestras e textos, acerca do preconceito que mantemos com a supervalorização do modo bacharelesco em prejuízo da formação de professores. Por exemplo: supervalorizando a pesquisa como Trabalho de Conclusão do Curso, em detrimento do Estágio Supervisionado, que até poderia gerar vários produtos pedagógicos correspondentes a um TCC mais apropriado.

Como Coordenador do Estágio Supervisionado dos Cursos da FAFIC, tenho observado a demanda de estagiários do bacharelado em busca da minha assinatura no Termo de Compromisso de Estágio deles, até em feriados e finais de semana, para se apresentarem logo na instituição campo de estágio; enquanto nos cursos de licenciatura, diversas escolas têm me reclamado que alguns estagiários ainda não tinham se apresentado, embora, desde outubro, eu já tenha disponibilizado aos departamentos a minha assinatura digital, em vista do tempo que se perde entre o calendário escolar e o calendário letivo da UERN.

Vale pensar: por que estagiários de Comunicação Social, Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Radialismo, Arquitetura, Engenharia, Direito, Odontologia ou Medicina e de outros bacharelados sempre se esforçam em cumprir tarefas de auxiliar ao seu profissional supervisor, demonstrando o seu aprendizado, na esperança de serem contratados tão logo concluem o curso, mas os estagiários da licenciatura, principalmente em escolas públicas, parecem visar apenas cumprir a carga horária devida?

Então, lhes pergunto: como podemos reivindicar a valorização da nossa profissão de Educador, se nós mesmos, profissionalizantes, não assumirmos a responsabilidade como

competência pela qual toda profissão deve ser valorizada, quando temos a oportunidade para tal na nossa própria profissionalização?

1.3 Por isso, como dica para trilhar a reflexão sobre o papel da Filosofia na Educação, deixo-lhes a frase que uso no verso do crachá que criei para os meus estagiários de Filosofia pensarem constantemente: **“A valorização social da profissão é proporcional à responsabilidade de cada profissional”**.

E assim, encerro reforçando minha gratidão e congratulações a todas as pessoas envolvidas, no desejo de que sejam responsáveis com a sociedade que lhes garantiu, gratuitamente, a sua profissionalização, contribuindo com o que a Filosofia pode nos proporcionar!